

AINDA OS PATRONÍMICOS IBÉRICOS

Maria Valentina Garcia Ferreira

(ESE - LISBOA)

1. Seguindo os modelos gregos, o gramático latino Prisciano deixou-nos uma obra que iria por sua vez, ser muito imitada durante a Idade Média. Nos seus Fundamentos Gramaticais definiu assim o nome patronímico:

"Patronymum est, quod a propriis tantummodo derivatur patrum nominibus, secundum formam Graecam, quod significat [...] filius vel nepos: 'Aeacides', Aeaci filius vel nepos"

[Institutiones Grammaticae, Liber II, 31
(c. 500 a.D.)]

Pouco depois da 1ª edição impressa das obras de Prisciano (1), o primeiro gramático da língua castelhana, Antonio de Nebrija, publicava em 1492 a sua Gramatica Castellana com esta definição:

"Patronimicos nombres son aquellos que significan hijo e nieto o alguno deles descendientes de aquel nombre dedonde formamos el patronimico, cuales son aquellos que en nuestra lengua llamamos sobrenombres como Perez por hijo o nieto o alguno delos descendientes de Pedro que en latin se podria dezir 'Petrides', i assi de Alvaro, Alvarez por lo que los latinos dirian 'Alvarides'; otra forma de patronimicos io no siento que tenga nuestra lengua"

[Gram. Cast., Lib III,61]

Como se vê há uma forte semelhança entre estas duas definições e uma terceira em português, de João de Barros em 1540:

"Patronymico nome e aquelle que significa filho, neto ou descendete da quelle que tem o nome donde o nos formamos E deriuamos: como Ioan Fernandez, filho de Fernando; Antonio Gonçalvez, filho de Gonçalo; Diogo Nunez, filho de Nuno; etc."

[GRAMATICA da Lingua Portuguesa, fl 7 e 7v]

Os exemplos usados tanto por Nebrija como por Barros, mostram o mesmo processo morfológico de derivação e o mesmo sufixo -EZ. Estes dois gramáticos ibéricos conheceram certamente outros processos usados em outras épocas e outras terminações como -I do genitivo latino, ou os

sufixos -AZ, -UZ, -UZ, que existiam na Península. Numa inscrição latina do ano 90 a.C., na Tábua de bronze de Ascoli onde surgem gravados antropónimos ibéricos pré-romanos, a paternidade é indicada pelo nome do pai no genitivo seguido de F [ILIUS] (Lapesa 1940:368).

Na Grammatica Pastrane (2) publicada em Lisboa em 1497 podemos também ver exemplos com genitivos: PETRUS FERNADI e JACOBUS PETRI. Todavia, como Frisciano (3) fez notar, embora o genitivo se usasse como patronímico, não indicava exclusivamente paternidade.

O genitivo gótico latinizado em -I também foi usado no nome do pai a seguir ao do indivíduo: PELAGIUS RODERICI (DOLG 1940:405).

No século X, a influência do árabe era tão forte na Península, que até entre os cristãos abundavam extraordinariamente os nomes de pessoa árabes, e até se compunham patronímicos hispânicos com o morfema IBEN, pl. BANI, que significa "filho". Men. Pidal (1926:508) menciona um doador do mosteiro de Sahagún em 962, que se chamava FORTUNIUS IBEN GARSEANI, ou FORTUNIO GARSEANI. Os condes de Carrián adoptaram o nome da família que lhes davam os árabes: BANI GOMEZ. BENAVIDES com formas variantes nos séculos XII e XIII, é BANI-VIDAS "os filhos de VIDAS". Em Portugal BENEAGAS, BENEGAS em 991, VENEGAS em 1258 "filho de Egas" são variantes antigas de VIEGAS (4).

Apesar disto, referindo-se ao uso da terminação -EZ, Nebrija escreveu: "otra forma de patronímicos

10 no siento que tenga nuestra lengua". Que quereria dizer? Referir-se-ia a um sistema de patronimicos genuinamente ibérico? Talvez. O que daí se depreende é que a terminação -EZ era inquestionavelmente a mais usada na Península.

Os patronimicos como RODRIGUEZ, MARTINS, ALVES, FERNANDEZ, etc, que hoje em dia se tornaram apelidos de familia, são ainda muito numerosos como mostra Piel (1958:172). Somente em Lisboa recolhe mais de um milhar de cada.

2. Quanto à origem controversa da terminação -EZ, muito se tem escrito. Men. Pidal e Tovar (1962) consideram as várias correntes de opinião que têm surgido desde o século XVIII. Selecciono aqui algumas:

- (a) Origem basca (Larramendi e Astarloa).
- (b) Genitivo gótico -IS (Friedrich Diez).
- (c) Genitivo Latino -I (Meyer-Lübke), cruzado com o Genitivo dos nomes em -ICUS tão frequentes nas inscrições hispânicas (A. de Los Rios y Rios, J. Cornu, A. Carnoy, J. Leite de Vasconcellos). Esta corrente é apoiada pelas ocorrências de -ICI paralelamente com -IZ nos documentos latinos medievais; Schuchardt e Piel também relacionam -ICI com uma terminação autóctone

pré-latina que significava "filho" ou "da descendência de".

- (d) Origem lígur com propagação através de genitivos góticos (R. Lapesa).
- (e) Hipocorísticos árabes terminados em -IS, -AS, -US (García Gómez).

Piel (1958:168) pensa que não chega dizer como Díez Melcón, que nenhuma corrente é totalmente convincente e capaz de excluir todas as outras. Opta decididamente pela origem ibérica pré-romana da terminação, com valor fonético [itsi], as grafias -IC(I), -IÇ(I), -IZ(I), -IT e as variantes vocálicas menos frequentes -ACI, -OCI and -UCI.

Men, Pidal e Tovar indicam a origem numa língua mediterrânica, bastante indoeuropeizada vinda através da Europa até à Península e deixando vestígios na toponímia alpina da Itália, da Suíça e da França. Durante muitos séculos a terminação manteve-se latente e no séc. I a.C. era usada em nomes de cavaleiros ibéricos da região de Zaragoza e Lérida (bronze de Ascoli). Desapareceu depois entre os hispanos mais romanizados da época imperial, aparecendo só raramente em regiões afastadas, disfarçada na forma do genitivo bárbaro -IS, mas sem dúvida conservada entre as gentes mais rústicas e servis. Quando enfraquece a dominação visigótica, muito romanizada, o patronímico ibérico em -Z de novo é usado pelos cavaleiros e altas classes sociais, já no século VIII. Num testamento de 780, ADELGASTER SILIZ é filho de SILO (Dolç, 1940:406). Depois, em 824 - Castela - ocorre MONNIO NUNNIZ. Em Portugal, entre 850 e 966, VUTIERRE MENDIZ; em 897 MENENDUS MENENDIZ, TEDILA GUDINIZ e

GUDINUS BUNDESALBIZ; em 959 GONDESINDIZ; em 966
 RODORIGIZ (Cortésão 1912). Na Galiza, em 883
 PELAGIUS PETRIZ (Fidal and Tovar 1962:402).

No Nordeste peninsular, na zona dos Pirinéus, no
 entanto, só se generaliza no século X. A terminação
 é também usada com nomes bascos: IBANEZ, IÑIGUEZ.
 Em Portugal tomará a forma -ES e será levada de
 Aragão para Valência como -IS : GOMIS, LLOPIS,
 FERRANDIS.

O problema da posição do acento ou da quantidade da
 1ª vogal da forma primitiva da terminação, não está
 ainda completamente resolvido. Seria tónica, ou
 átona como a maioria dos exemplos espanhóis e
 portugueses parecem sugerir (5) ?

Meyer-Lübke e J. Leite Vasconcellos dizem que não
 se sabe se a vogal era acentuada ou não. A
 terminação -ICĀ parece mostrar que a 1ª sílaba
 seria acentuada, mas alguns exemplos indicam uma
 vogal átona : INDOVELECUS.

Na palavra FORJAZ (Goth. Frauja, Hisp. Froja
 "senhor") parece-nos que a 1ª vogal de -ACI (-AĪI)
 seria longa e acentuada, mas existe a forma
 espanhola FRÓILAZ. Os nomes PIRES e ANTUNES, em
 Português, provenientes respectivamente de PE(D)RO
 e de ANTONIO, sugerem uma vogal alta longa e
 acentuada na terminação, que faria harmonizar,
 elevando, a vogal do lexema originalmente não-alta:

$$\begin{array}{l}
 e \longrightarrow i \\
 o \longrightarrow u
 \end{array}
 \Bigg/
 \begin{array}{l}
 \text{---} C + \frac{1}{i} C (i) \#
 \end{array}$$

Piel (1958:171) sugere uma possível posterior antecipação do acento, provocada por um "progressivo desgaste fonético e morfológico do sufixo patronímico" e "a conseqüente redução de -IZ a -EZ, -ES, passando este elemento de autónomo a enclítico"

Pidal e Tovar (1962:382) dão muitos exemplos onde se pode verificar a variabilidade do acento e da vogal, e levantam a hipótese de o acento ser móvel já na língua ibérica.

3. Este tipo de patronímicos tornou-se muito comum durante toda a Idade Média. Como Piel (1958:167) afirma "foi esta classe de sobrenomes a primeira a desenvolver-se e a impor-se durante alguns séculos (até meados do séc. XV)"

Os últimos exemplos do reino de Leão, citados por Pidal e Tovar (1962: 423-424), são dos séculos XI e XII : VIMAREZ - 1021; FAGUNDEZ - 1159; RAMIREZ - Oviedo 1023 e 1102; LOPEZ, VERMUDEZ e GOMEZ - séc. XII. De Aragão : GARÇEIZ - 1044, LOPEIZ - 1196 (pág 420). De Castela : VELAZQUEZ, PETREZ, MUNOZ - séc. XII (pág. 434).

Em Portugal num documento de 1450 (6) ainda encontrei:

Ruy DIAS - filho de DIOGO Dominguez,
João FERNANDEZ Entulho - filho de FERNAM Martinz Entulho,
Vasco GONÇALVES d'Ator - filho de GONÇALO Vasquez d'Ator

Estes exemplos mostram que àquela data os patronímicos representavam em Portugal ainda uma classe produtiva.

Uma proposta de prolongar ainda o limite do seu uso, é feita por Iria Gonçalves (1971:176). Esta historiadora observa muitos documentos do último quartel do século e afirma que "Este sistema vigorou entre nós até aos fins do século XV para vir a desagregar-se na centúria seguinte. Continuaram no entanto a existir bastantes casos em que ele ainda era conservado" e nota que existe um ou outro caso de "crystalização do patronímico" em apelido, mesmo em famílias não nobres, mas isso não é regra. Dá depois uma lista de exemplos como PERES, DIAS, GONÇALVES, LOPES, ESTEVES, ALVARES, EANES, etc indicando a paternidade.

Penso que acerca do séc. XV, não há mais nada a dizer. Quanto ao séc. XVI, decidi investigar um pouco mais e tentar encontrar confirmações. Consultei os manuscritos dos Registos Paroquiais na Torre do Tombo(7) e, procurando em documentos de baptizados, de ébitos e especialmente de casamentos porque quase todos estes têm os nomes dos pais, encontrei:

Em

- 1575 : Manoel ANTUNES, filho de ANTONIO Alvarez,
- 1587 : Antónia SIMÃO, filha de SIMÃO Gil,
- 1597 : Maria FRANCISCA, filha de FRANCISCO Pires (8),
- 1591 : Bento LUIZ filho de LUIZ Afonso (9).

Estes quatro exemplos podem considerar-se raros pois eles são os únicos que consegui recolher em muitos Livros de várias Caixas. Além disso, os três últimos casos já evidenciam uma formação diferente, não usando a terminação -EZ / -ES. No entanto, decidi prosseguir e tentar ver o que se passava no séc. XVII.

Consultei os manuscritos dos Processos Matrimoniais da Câmara Eclesiástica de Lisboa existentes na Biblioteca Nacional (10) e apenas recolhi um patronímico em centenas de documentos:

Luzia SIMOA Antunes, filha de SIMÃO Antunes,

num documento de 1614 (11) e em que o processo de formação é a colocação da forma feminina do nome do pai a seguir ao nome do baptismo da filha.

Em documentos originários de todo o país ocorrem centenas de nomes com a aparência de patronímicos como FERNANDES, GOMES, ROIZ, etc, mas são já igualmente usados por pais e filhos como apelidos.

Parece-me, portanto, ser possível afirmar que o sistema já não era produtivo no séc. XVII.

NOTAS

- (1) A 1ª edição impressa da obra de Frisciano surgiu em Veneza em 1470.
- (2) Foi publicada pelo editor alemão Valentim Fernandes residente em Portugal. (ENL, INC. 1425). V. cap. "Sequitur de orthographia".
- (3) Em Keil (1961:65) "Possessivum est quod cum genitive principalis significat aliquit ex his quae possidentur [...] possessiva autem non solum filios sed omnia quae possunt esse in possessione".
- (4) TEL : ≈ 700 VIEBAS
- (5) Lobato (1848:170) "He breve a terminação -EZ nos nomes patronymicos Domínguez, Gonçálvez, Fernández ..."
- (6) Num documento do Sul de Portugal: LIVRO DA REPARTIÇOM DA FRUITA, Ms 8/A/4, Arquivo de Loulé
- (8) Registos Paroquiais dos distritos da Guarda e de Faro, ANTT Lisboa.
- (9) Documentos da Guarda 1575, 1587 e 1597, Cx 74, Livro 1 de Documentos Mistos.
- (10) Documento de Faro, Cx. 35, Livro 1 de Casamentos.
- (11) Sumários Matrimoniais [Maços 544-705] - Reservados, BNL
- (12) Maço 551, processo 99, Sum. Matrim. BNL

REFERENCIAS

- A.N.T.T.= Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Lisboa.
- BARROS, João de (1540) Grammatica da Língua Portuguesa, edição facsimilada de M. Leonor Buescu, Lisboa 1971.
- B.N.L. = Biblioteca Nacional de Lisboa.
- CORNU, Jules (1960) Grammatik des Portugiesischen Sprache, Strassburg, Karl J. Trübner.
- DOLÇ, Miguel (1940) "Antroponimia Latina", ELH, I, pp 389-419.
- E.L.H. = Enciclopedia Lingüística Hispánica. C.S.I.C. Madrid 1940.
- GONÇALVES, Iria (1971) "Amostra de Antroponimia Alentejana do séc. XV" in Do Tempo e da História, IV, IAC, Lisboa.
- LAFESA, Manuel P. (1940) "Antroponimia Prerromana", ELH, I, pp. 347-387.
- LOBATO, Anténio J. R. (1848) Arte da Grammatica da Língua Portuguesa, Nova Edição, Lisboa.
- MEYER-LÜBKE, W. (1917) Romanische Namenstudien II, Wien.
- MENENDEZ-PIDAL, R. (1904) Manual de Gramática Histórica Española, 18ª edição, Espasa-Calpe, Madrid 1985.

- MENENDZ-PIDAL, R. (1926) Orígenes del Español, 9ª edição, Espasa-Calpe, Madrid 1980.
- MENENDEZ-PIDAL and A. TOVAR (1962) "Los Sufijos españoles en -Z especialmente los patronímicos" in BRAE, Año 51, Tomo 42, Madrid.
- NEBRIJA, A. (1492) Gramática Castellana, editado por Galindo Romeo e Ortiz Muñoz de acordo com a edição princeps. Madrid 1946.
- PIEL, Joseph M. (1958) "Sobre os Apelidos Portugueses do tipo patronímico em -ICI/-ES (Rodrigues)" in Boletim de Filologia, XXI, 167-175, Lisboa 1963.
- FRISCIANUS CAESARIENSIS in H. KEIL, ed. (1961) Grammatici Latini, vol II, Georg Olms, Hildesheim.
- TEL = Lista Telefónica - Lisboa 1988/89.
- VASCONCELLOS, J. Leite (1926) "A Propósito de Patronímicos" in O Instituto, LXXIII, pp. 375-380, Coimbra.
- VASCONCELLOS, J. Leite (1928) Antroponímia Portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional.

Outubro 1990